

Substituição lexical nos usos linguísticos: *discussão de internautas sobre unidades lexicais relativas à raça*

*Lexical Substitution in Linguistic Uses:
Discussion by Internet Users about Lexical
Units Related to Race*

Nayure Mirelle Marques RIBEIRO

Universidade Federal de Goiás
nayuremirelle@discente.ufg.br



Leosmar Aparecido da SILVA

Universidade Federal de Goiás
silva515@ufg.br



Resumo: Este artigo tem o objetivo analisar aspectos da semântica de *frames* (Baldo, 2015; Duque, 2015; Fillmore, 2009; Lakoff, 2006a, 2006b; e outros) em enunciados de internautas sobre demandas sociais de substituição de palavras e expressões relativas à noção de raça. Utilizando-nos de alguns dos procedimentos técnicos da pesquisa netnográfica (Kozinets, 2014), com abordagem qualitativa. A rede social Twitter/X foi usada para coletar comentários em que havia discussões e opiniões de internautas sobre as seguintes palavras: *criado-mudo*, *índio/indígena* e *mulato*. Os resultados mostraram que a proposta de substituição de uma palavra por outra seria uma forma de desativar determinados *frames* e ativar outros. Trabalhos dessa natureza contribuem para aliar o estudo dos *frames* semânticos às demandas sociais problematizadas nas redes sociais.

Palavras-chave: reenquadramento lexical; *frame*; raça; Linguística Cognitiva.

Abstract: This paper aims to analyze aspects of the semantics of frames (Baldo, 2015; Duque, 2015; Fillmore, 2009; Lakoff, 2006; and others) in Internet users' statements about social demands for the replacement of words and

expressions related to the notion of race. We used some of the technical procedures of netnographic research (Kozinets, 2014), with a qualitative approach. The social network Twitter/X was used to collect posts in which there were discussions and opinions about the following words in Brazilian Portuguese: *criado-mudo* [bedside table], *índio/indígena* [indian/indigenous] and *mulato*. The results showed that the proposal to replace one word with another would be a way to deactivate certain frames and activate others. Works of this nature contributes to combining the study of semantic frames with social demands problematized on social networks.

Keywords: lexical reframing; frame; race; Cognitive Linguistics.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as discussões sobre gênero, diversidade religiosa e raça têm sido cada vez mais frequentes. Isso porque a sociedade é dinâmica e tem passado por modificações, que possibilitam alterar crenças e padrões estabelecidos: as discussões sobre gênero questionam o patriarcalismo; as discussões sobre intolerância religiosa e sobre preconceito contra o corpo portador de deficiência questionam atitudes não inclusivas; as discussões sobre raça questionam preconceitos contra negros e indígenas.

Um aspecto linguístico presente nessas discussões é a escolha lexical que pode associar o enunciador como pertencente a um grupo de pessoas que partilham determinado tipo de concepção sobre esses temas.

A depender da situação comunicativa e dos enunciadores envolvidos, fazer uso de expressões como *surdo-mudo* ou *mudinho* pode ser visto pela comunidade surda, pelos estudiosos da Libras, por psicólogos e por outros profissionais atentos às demandas sociais como um indício de preconceito e/ou desconhecimento das discussões sobre inclusão.

Da mesma forma, a comunidade negra e alguns especialistas reclamam da urgência de substituição de palavras. É o caso, por exemplo, da palavra *escravo*, para a qual propõem o uso de *escravizado*. A justificativa para a substituição está relacionada à categoria *aspecto* nos estudos da sintaxe: a palavra *escravo* remete a um estado permanente, que se iniciou no passado e permanece até o presente, sugerindo uma condição inerente à pessoa. Já a palavra *escravizado*, com o sufixo de aspecto terminativo *-ado*, remete a um estado passado, terminado e, portanto, revela implicitamente uma força externa de um sujeito que agiu para impor essa condição a outra pessoa. O uso de uma ou de outra forma linguística tem consequências sociais e cognitivas, porque contribui para a manutenção de determinados *frames* ou para a propositura de outro *frame*.

Tomando como base essas considerações, o objetivo desta pesquisa é analisar as discussões de substituição lexical em contextos de reflexão linguística sobre raça em *posts* coletados no Twitter/X¹. A substituição lexical se dá de modo externo, no uso da língua. Ela pode conduzir ao que Fillmore (2009) chama de reenquadramento ou *reframe*, que seria uma modificação no esquema subjacente armazenado na memória de longo prazo. O *reframe* ocorre, portanto, de modo interno, na cognição humana.

¹ Usaremos a designação Twitter/X, como forma de o leitor compreender que a rede social mudou de nome.

Para Lakoff (1987), a esquematização subjacente diz respeito aos modelos cognitivos já sedimentados e que foram sendo formados por meio da interação do indivíduo com dados da experiência, da cultura e da relação com outras pessoas, discursos e crenças.

Em geral, a escolha de uma ou outra palavra está relacionada ao conhecimento de mundo, à experiência que os indivíduos possuem, à formação a que foram submetidos, às ideologias que defendem. O uso de uma palavra ou de outra permite, segundo Possenti (1995), assistir a várias micro histórias de relevante valor epistêmico, visto que tais palavras mostram a criação de certos efeitos de sentido, e não outros. Além disso, o uso de uma palavra ou de outra revela o quanto o signo, nos termos de Bakhtin (1999), refrata a realidade, já que é o reflexo das lutas de classe, a arena onde valores sociais contraditórios se confrontam.

A pesquisa possui relevância social, científica e acadêmica. Sua relevância social reside na contribuição que pode trazer para a reflexão sobre a dinamicidade linguística e as demandas sociais. Sua relevância científica está no tratamento técnico de um tema político-ideológico, o que ajudou a fundamentar de modo mais objetivo algumas discussões. Academicamente, a pesquisa poderá servir como referência para outras pesquisas e pesquisadores.

Para além das considerações iniciais e finais, o artigo está organizado em três seções fundamentais: uma que trata dos aspectos teóricos, uma que trata dos procedimentos metodológicos da pesquisa e outra que trata dos resultados e discussão dos dados.

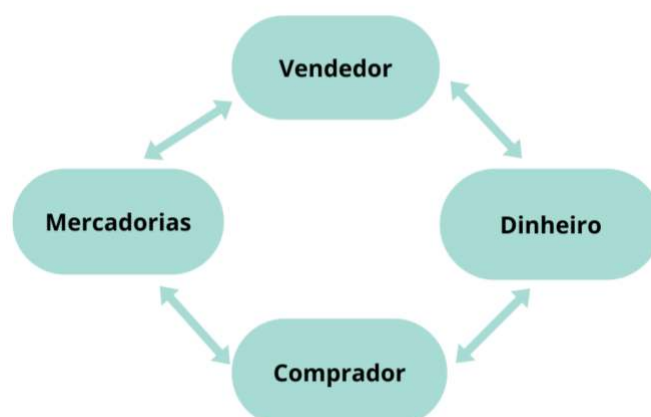
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Frames são definidos por Fillmore (2009) como um sistema de conceitos organizado de tal modo que, para entender um conceito, é preciso acessar toda estrutura na qual ele se enquadra. Quando uma palavra dessa estrutura é introduzida em uma conversa ou um texto, automaticamente todos os outros elementos referentes à palavra introduzida serão acionados.

Já Lakoff (2006b) explica que, por meio dos *frames*, o ser humano estrutura as ideias e conceitos de como se vê o mundo, moldando a forma de raciocínio, de percepção e de ação. Na maioria das vezes, ativamos o *frame* de forma inconsciente e automática, empregando-o sem perceber.

Os *frames* representam, portanto, uma categorização que está associada à nossa visão e experiência de mundo. Um exemplo comumente usado para tratar desse estudo é o *evento comercial*, que coloca em relevo entidades como *vendedor*, *comprador*, *mercadoria*, *dinheiro*, tal como se pode observar na Figura 1:

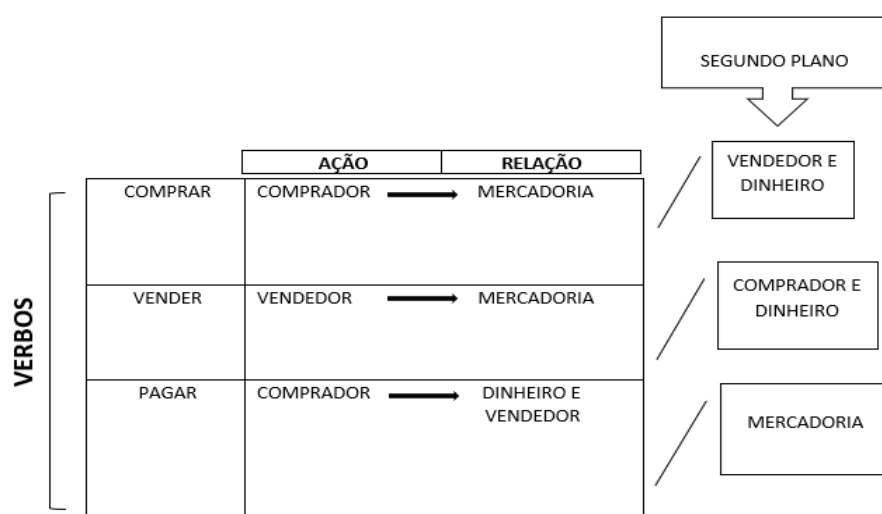
Figura 1 – Exemplo de um *frame* com evento comercial



Fonte: elaborada pelos autores, com base em Fillmore (2009, p. 31).

Os 4 elementos envolvidos em um evento comercial podem ser considerados semanticamente relacionados uns com os outros em função de diferentes modos que evocam a mesma cena. Segundo Duque (2015), os papéis representados constituem uma cena esquemática que inclui o **vendedor**, pessoa que troca mercadorias por dinheiro; **mercadorias**, produto que o **comprador** tem ou adquire; o **dinheiro**, que é obtido pelo vendedor. Ao se utilizarem verbos como *comprar*, *vender* e *pagar*, eles assumem um papel no qual dois ou mais elementos geram *ação* e *relação*, e os outros que não se encaixam ficam em segundo plano, como mostra a Figura 2:

Figura 2 – Exemplo do funcionamento de um “evento comercial”



Fonte: elaborada pelos autores, com base em Duque (2015).

O verbo *vender* aciona a ação do vendedor que está relacionado à mercadoria, ou seja, o vendedor é aquele que **vende** a mercadoria. Fillmore (2009) afirma que não se sabe ao certo se alguém entende os significados desses verbos sem compreender os detalhes da cena que gerou o contexto ou a motivação por trás das categorias que essas palavras representam. Usando a palavra *frame* para descrever a estrutura organizada pela qual a cena é apresentada ou lembrada, podemos dizer que o *frame* organiza os significados das palavras, e que a palavra evoca o *frame*.

Fillmore (2009) conta sua trajetória e o seu interesse sobre os estudos de *frames*. Resumidamente, o autor afirma que entrou em contato com a noção de *frame* com base nos estudos sobre valência verbal, papéis semânticos e estudos de protótipos. Além disso, em seus estudos, Fillmore (2009) afirma que os falantes têm à sua disposição dois tipos de estruturas comunicativas que podem ser utilizadas: os *frames cognitivos* e os *frames interacionais*. Os **frames cognitivos** ocorrem independentemente do contexto real de comunicação e são formados pelos domínios cognitivos envolvidos na construção de significados. Já os **frames interacionais** estão relacionados à maneira como conceituamos o que está ocorrendo durante a interação comunicativa entre falante e ouvinte, ou autor e leitor. Baldo (2015), baseada em Fillmore (2009), explica que, para termos uma melhor compreensão sobre a estrutura comunicativa, é necessário conhecimento dos domínios cognitivos subjacentes e compartilhar o mesmo *frame* com os interlocutores. A autora também explica que o segundo tipo de *frame*, ao contrário do *frame* cognitivo, é construído somente a partir de interações linguísticas significativas, ou seja, interações que fazem emergir molduras elaboradas a partir da compreensão da situação comunicativa, com base na capacidade dos falantes de organizar e esquematizar os elementos do mundo.

Fillmore (2009) dá exemplos concretos de *frames* cognitivos. Os exemplos giram em torno dos *frames* de órfão, *breakfast*, fim de semana, *flip strength*, *land vs ground*, *shore vs coast*, o adjetivo do japonês *nurui*, a diferenciação das palavras *decedent* e *deceased* e, por fim, a palavra *mufti*. O autor faz relevante discussão sobre cada uma dessas palavras que acionam *frames* cognitivos. As palavras inglesas *land* e *ground*, por exemplo, têm a mesma tradução (*terra*), porém com aplicação de diferentes *frames*. *Land* significa *terra* em relação ao mar e *ground* também significa *terra*, mas em relação ao ar. Percebe-se a importância do *frame* nessa distinção, pois essas palavras não diferem tanto com relação ao que são usadas para identificar, ou seja, à terra, uma vez que contêm a mesma tradução. Elas diferem em relação à maneira pela qual se posiciona o referente *terra* em um *frame* maior. Fillmore (2009) afirma que, com o

conhecimento desses *frames*, temos a compreensão e a distinção de que uma ave que *spends its life on the land* (passa a vida na terra) é uma ave que não passa nenhum tempo na água, pois vive na terra. Já uma ave que *spends its life on the ground* (passa sua vida na terra) é uma ave que não voa (relação com o ar), pois vive no chão. Outro exemplo que Fillmore (2009) apresenta é o das palavras *shore* e *coast*, que não possuem traduções distintas em muitas línguas, mas que, no inglês, têm uma diferenciação por terem pontos de vista diferentes apenas pelo fato de “*shore* ser o limite entre a terra e a água, do **ponto de vista da água** e *coast* ser o limite entre a terra e a água, do **ponto de vista da terra**” (Fillmore, 2009, p. 36, grifos nossos).

Por meio desses exemplos elucidativos de palavras relacionadas aos *frames* cognitivos altamente específicos, fica evidente que a compreensão de um texto requer a habilidade de recuperar ou identificar os *frames* evocados pelo conteúdo lexical e, assim, integrar esse conhecimento esquemático para conceber determinada visão de mundo.

Em Fillmore (2009), há uma seção intitulada **enquadramentos alternativos de uma mesma situação**. Nela, discute-se que, do ponto de vista da semântica de *frames*, é possível apresentar um mesmo fato por meio de “enquadramentos” diferentes. Além disso, os quadramentos alternativos de uma mesma situação são comuns e podem ser influenciados por diversos fatores. Um exemplo dado pelo autor é o de uma pessoa que demonstra má vontade em dar dinheiro. Ela pode ser categorizada como *stingy* (mesquinho) ou *thrifty* (econômico). *Stingy* revela um ponto de vista negativo sobre a pessoa e aciona o *frame* de “aquele que tem muito e não ajuda os que precisam”, num contexto de desigualdade social. *Thrifty* revela o ponto de vista de que a pessoa tem a habilidade de administrar bem o seu dinheiro e outros bens, sem esbanjar e sem ser mesquinho. Nota-se que a situação é a mesma, mas, a depender da palavra usada, os pontos de vista mudam e diferentes opiniões podem surgir em relação ao indivíduo.

Lakoff (2006b), inspirado no trabalho de Fillmore sobre enquadramento alternativo, utiliza como exemplo o verbo *acusar*, que aciona os papéis semânticos de *acusador*, *acusado*, *crime* e *acusação*. Em um enunciado como “Os democratas **acusaram** Bush de espionagem ilegal a cidadãos dos EUA” (Lakoff, 2006b, p. 27, tradução nossa), o acusador corresponde aos democratas, o acusado corresponde ao ex-presidente Bush, o crime corresponde à espionagem ilegal a cidadãos dos EUA e a acusação corresponde ao ato de declarar que Bush espionava os americanos, o que constitui uma declaração grave para um presidente. Se, ao invés desse enunciado, fosse utilizado outro, como: *Os democratas **denunciaram** Bush por proteger os EUA por meio de medidas de vigilância mais ampla*, o verbo *denunciar* acionaria outros *frames*. Ele chamaria a

atenção do leitor sem atribuir culpa ao presidente. Além disso, a substituição de *espionagem ilegal* por *proteger os EUA* dá ao segundo enunciado uma valoração positiva em favor de Bush. Assim, essa mudança no enquadramento muda a percepção do público sobre o fato e os que nele estão envolvidos.

Lakoff (2006a) discute enquadramentos alternativos em *frames* sobre impostos. Para determinado grupo político, imposto é tido como *gasto*. Para outro grupo político, imposto é tido como *investimento*. Nota-se que são duas visões de mundo diferentes sobre o mesmo tema. O grupo político que defende o argumento de que imposto é *investimento* terá o trabalho de enquadrar uma verdade que seja capaz de desassociar a visão de imposto como gasto e reenquadrá-la como *investimento*. Para o autor, o reenquadramento é um processo gradual e é preciso ser repetido para se tornar parte do entendimento público e ajustar a visão de mundo da população.

Voltando a Fillmore (2009), ele trata também do **reenquadramento de um conjunto lexical**. O autor explica que algumas mudanças semânticas podem ser esclarecidas se considerada a semântica de *frames*. Se o analista da língua reconstitui as circunstâncias motivadoras da mudança, poderá compreender as motivações das mudanças tanto no uso de algumas palavras quanto no esquema subjacente presente na cognição. Um exemplo que Fillmore (2009) apresenta é o uso das palavras *boy: man; girl: woman*, proporcionalmente equivalentes. Ele notou que, na cultura dos EUA, pessoas do sexo masculino são chamadas de *man* numa idade antecipada em relação a pessoas do sexo feminino, que passam a ser chamadas de *woman* mais tarde. Os ativistas de gênero, percebendo isso, sentiram-se incomodados com esse padrão de uso, posto que revelava atitudes sexistas e patriarcais. Com isso, houve demanda social para modificar a faixa etária para o uso dessas palavras, estabelecendo uma equidade das idades de transição de *boy* para *man* e de *girl* para *woman*.

Análoga à mudança semântica acima, a relexicalização de *frames* inalterados é aquela em que a associação entre as palavras e os *frames* se altera, mas o esquema subjacente permanece inalterado, ou seja, a palavra é alterada no uso em determinado contexto comunicacional (substituição lexical), mas os *frames* ainda não estão completamente alterados (conservação de *frames*). Fillmore (2009) afirma que, a curto prazo, a probabilidade de lidar com os esforços para responder às novas perspectivas sociais referentes às relações entre linguagem e atitudes é maior, se não se impuser uma complexidade cognitiva quanto à re-esquematização de domínio. Ele afirma que, por exemplo, quando alguém estiver prestes a dizer

girl, deve se corrigir e, em vez disso, dizer *woman*. Assim, os esquemas subjacentes vão sendo alterados aos poucos. Isso pode ser visto na Figura 3:

Figura 3 – Exemplo de substituição lexical com *frames* inalterados, segundo Fillmore (2009)



Fonte: elaborada pelos autores, com imagem de autor desconhecido.

Essa relexicalização permite visualizar o nível de monitoramento do usuário, a ponto de balizar a escolha de uma ou outra palavra para acionar determinado *frame*, e não outro, ou seja, existe o conhecimento sobre o léxico de uma língua e esse conhecimento permite escolher uma palavra mais alinhada às demandas sociais ou menos alinhada a essas mesmas demandas. Um exemplo que o autor apresenta é relativo à palavra *suspect* (suspeito). No contexto jurídico, o significado de *suspeito* é o de *uma pessoa acusada de cometer crimes, mas que ainda não foi condenada*. Mesmo que haja evidências contundentes do crime cometido (gravação em áudio e vídeo, testemunhas etc.), a justiça e os veículos jornalísticos devem se referir à pessoa como *suspeita*. Fillmore (2009) afirma, porém, que antes de ativar a palavra *suspeito*, a pessoa, tendo já construído seus *frames* com base em experiências vividas, pode estar inclinada a dizer *burglar* (assaltante), *murderer* (assassino), *arsonist* (incendiário) ou *culprit* (culpado), palavras que levam ao *frame* de culpa ou responsabilização de alguém que está sob investigação de um crime. No contexto jurídico e jornalístico, mesmo havendo fortes indícios da responsabilidade de uma pessoa por determinado crime, os profissionais só podem usar as palavras *assaltante*, *assassino*, *incendiário* ou *culpado* depois que a pessoa tiver sido julgada e condenada, tendo em vista que existe, no Direito, o princípio da presunção de inocência.

Fillmore (2009, p. 52) termina o texto dizendo que o uso das palavras que carregam sentidos reais nas conversações só faz sentido se as pessoas entenderem “as experiências e as instituições e se conhecerem

porque tais experiências e instituições deram motivos para que as pessoas criassem as categorias expressas pelas palavras”.

Feitas essas considerações, seguimos para a metodologia.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa pode ser classificada como uma pesquisa descritiva e explicativa com abordagem qualitativa (Gil, 2002). Uma vez que se utiliza de comentários de uma rede social para fazer análise linguística, relaciona-se com algumas das características da pesquisa netnográfica, que prevê o estudo de comportamentos (linguísticos ou não) de usuários da *Web* em geral e das redes sociais em específico (Kozinets, 2014).

Em relação aos passos da pesquisa, num primeiro momento, foram realizadas leituras de textos teóricos que tratavam dos *frames* semânticos, em especial, da noção de *reenquadramento* tratado por Fillmore (2009) e Lakoff (2006a).

Num segundo momento, foram coletadas da rede social Twitter/X comentários de internautas sobre palavras e expressões relativas à noção de raça. A escolha dessa rede social se deve ao fato de que nela existem inúmeros tipos de comentários, discussões e assuntos sobre todo tipo de temática. Além disso, no Twitter/X, as pessoas costumam expressar suas opiniões com menor monitoramento de serem suspensas ou banidas, ensinam, aprendem e compartilham leituras atualizadas.

Os dados no Twitter/X foram gerados por meio do mecanismo de busca do próprio aplicativo. Inicialmente, inserimos no buscador três palavras ou pares de palavras que, pelo nosso conhecimento de mundo, geram discussões em interações *on-line* de comunicação. As palavras escolhidas foram: 1) criado-mudo; 2) índio/índigena; 3) mulato/a, as quais, de modo direto ou indireto, se relacionam à noção de raça. A palavra *criado-mudo* difere das outras duas por fazer referência a um objeto, e não a pessoas. A escolha não foi fortuita, já que o propósito era verificar se havia algum comentário que discutisse a relação *humano x não humano* sobre tal palavra.

Feita a busca pelas palavras, a rede social resultou em comentários que indicavam a discussão sobre a adequação ou não dessas palavras e a proposição de palavras substitutivas. Selecionamos três perfis e lemos todos os comentários de cada um. Em relação aos comentários, foram selecionados 14 que apresentavam argumentação consistente. Foram excluídos comentários curtos, em que havia somente expressões como *isso mesmo*, *concordo*, *é isso sim*, *discordo*, *que besteira*, *perda de tempo* etc.

Apesar de 14 comentários ser um número pequeno, ele atende os objetivos deste artigo, que propõe uma análise qualitativa, e não quantitativa.

Na análise dos dados, ao nos referirmos aos usuários da plataforma, colocamos um código com três variáveis para identificá-los: 1) as iniciais do nome do internauta; 2) a sigla TT do aplicativo Twitter; 3) a data de postagem do comentário. Suponhamos que um usuário fictício chamado Pedro Gomes Pereira publicou um comentário no dia 05/01/2024. A sua codificação será, então: PGP, TT, 05/01/2024.

Num terceiro momento, os dados passaram por um tratamento analítico considerando-se: 1) a opinião dos internautas em relação a determinadas palavras e suas respectivas justificativas; 2) os aspectos linguísticos da palavra que provocaram as discussões; 3) os *frames* semânticos evocados pela palavra questionada e também pela palavra proposta como substitutiva; 4) as discussões sobre as implicações linguístico-cognitivas da conservação ou da substituição de palavras e expressões sobre os quais se discute.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como dito anteriormente, foram coletados 14 comentários sobre palavras relacionadas ao conceito de raça. Passamos a analisar cada uma delas.

4.1 Criado-mudo

Em uma discussão sobre a palavra *criado-mudo*, um internauta fez a seguinte pergunta: “‘*criado mudo*’ é racista? to confuso” (GP, TT, 18/01/2023).

E alguns internautas responderam da seguinte forma:

(01) *Na dúvida, se recorre a etimologia, e até agora não se tem registro que se usava criado-mudo no contexto que inventaram.* (P, TT, 18/01/2023)

(02) *Tem gente que diz que sim. O nome é bem sugestivo a isso mesmo, muitas poucas pessoas pararam de falar “criado mudo”.* (M, TT, 18/01/2023)

(03) *isso eh uma fake news. Nao tem nenhum registro histórico do surgimento dessa nomenclatura. Lembro de ter visto algum registro falando sobre há um tempo mas nem sei como achar* (D, TT, 18/01/2023)

(04) *Criado mudo ser um termo racista foi uma das maiores fake*

news modernas já criadas, não tem absolutamente nenhuma procedência histórica. Vem na verdade de um termo inglês que não tem nenhum origem racista (Y, TT, 18/01/2023)

(05) não, criado mudo vem do inglês “dumbwaiter” que era um elevador que ficava do lado da cama dos senhorios, qnd veio pra cá veio como criado mudo. (R, TT, 18/01/2023)

(06) É q na época da escravidão, aqueles q eram ricos tinham um escravo ao lado da cama para segurar objetos como velas ou algo do tipo E o escravo tinha q permanecer em total silêncio Por isso o termo “criado-mudo” (DD, TT, 18/01/2023)

(07) minha mãe me contou essa história e eu parei de usar desde então mas tão falando que parece ser fake News mas independente eu já acostumei com “armarinho da cama” kkkkkkkkkkkkkk (GP, TT, 18/01/2023)

Em (01), sugere-se fazer a busca etimológica da palavra para comprovar se de fato tem origem pejorativa e racista. Embora a origem etimológica não seja o elemento determinante para se afirmar que uma palavra é ou não racista, uma vez que os valores de uso das palavras são independentes e até a invertem, o internauta alerta que, no período escravocrata do Brasil, não se tem registro de uso da palavra *criado-mudo*, o que precisaria ser atestado como forma de verificar se a opinião do internauta constitui um fato.

Em (02), o usuário parece acreditar que a palavra é racista, mas considera que poucas pessoas a trocam por outra. Os dados (03) e (04) consideraram que tratar a palavra *criado-mudo* como racista é uma *fake news*, já que não há registros comprobatórios indicando isso. O dado (05) parece concordar com os enunciadores de (03) e de (04) ao explicar que a origem da palavra está relacionada ao empréstimo *dumb waiter*, do inglês, que, na tradução, para o português, significa literalmente *garçom mudo* e que diz respeito a um “pequeno elevador, usado especialmente em restaurantes para levar comida para a cozinha” (Cambridge, 2024). No dado (06), o usuário parece acreditar que a palavra realmente tem valor racista, apresentando uma narrativa que explicaria a possível origem da palavra. No dado (07), o usuário mostra a influência de entes sociais na escolha de palavras. Dá a entender que está atento às discussões ao afirmar que “tão falando que parece ser *fake news*” e apresenta uma forma alternativa (*armarinho de cama*) para dela fazer uso. Uma consulta ao dicionário de Rocha e Rocha (2011, p.112) mostra que a palavra *criado-mudo* é associada ao “pequeno móvel que se coloca geralmente ao lado da cama, destinado a guarda de pequenos objetos e sobre o qual se coloca luminária, despertador

etc.". Não há, na definição dos autores, menção ao passado escravocrata ou de origem racista.

A polêmica em torno da palavra motivou, inclusive, a publicação de uma reportagem à CNN Brasil (Vidica, 2023) em que linguistas, historiadores e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento divergem sobre a origem da palavra. Alguns acreditam na tradução literal do inglês, na falta de evidências históricas na língua, e outros acreditam que é realmente uma expressão racista e que precisa ser substituída por outras palavras que não ofendam determinados grupos.

O linguista Gabriel Nascimento, entrevistado na reportagem da CNN Brasil, pensa que a palavra foi bastante utilizada para se referir aos trabalhadores domésticos da nobreza, em contraponto aos escravos. Acrescenta ainda que, em obras de Machado de Assis, é possível observar o uso frequente da palavra "criado" para se referir aos trabalhadores, não necessariamente escravos, pela elite do século XIX. A palavra designava alguém responsável por realizar tarefas como buscar objetos e abrir portas, ou seja, um "criado" (Vidica, 2023).

Um outro usuário do Twitter/X faz a seguinte consideração, seguida de uma imagem (Figura 4):

(08) é um termo racista, o correto seria mesa/cômoda de cabeceira. Faço arquitetura e urbanismo e é esse o termo utilizado atualmente para se referir a esse móvel. Como é uma palavra de uso comum muita gente não sabe por isso tô informando aqui 👍(ATT, TT, 07/01/2023.)

Figura 4 – Imagem retirada do comentário do internauta

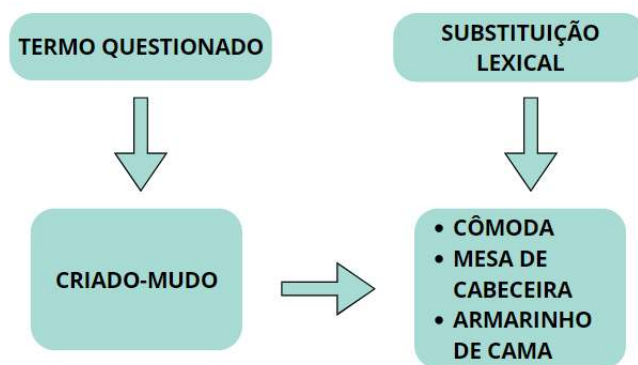
- **"Criado-mudo":** O nome do móvel que geralmente é colocado na cabeceira da cama vem de um dos papéis desempenhados pelos escravos dentro da casa dos senhores brancos: o de segurar as coisas para seus "donos". Como o empregado não poderia fazer barulho para atrapalhar os moradores, ele era considerado mudo. Logo essa expressão se refere a esses criados.

Fonte: dados do comentário de ATT, TT, 07/01/2023.

Em (08), o fato de o internauta afirmar que ele faz curso de Arquitetura e Urbanismo parece funcionar como argumento de autoridade na área para defender a opinião da não pertinência do uso de *criado-mudo*. As expressões *mesa* e *cômoda de cabeceira* parecem criar um efeito de

objetividade, por um lado, e não ativariam o suposto *frame* do passado escravocrata do Brasil. Por outro lado, a palavra *mesa*, pura e simplesmente, pode gerar um problema de referência, caso não seja aplicada contextualização específica, já que existe outro móvel que possui essa designação. Esta seria a proposta da internauta (Figura 5):

Figura 5 – Proposta de substituição lexical



Fonte: elaborada pelos autores.

A Agência Lupa (plataforma de combate à desinformação por meio do *fact-checking* e da educação midiática) publicou tanto no Twitter/X quanto em seu *site*, em parceria com o portal Notícia Preta², uma lista de sete expressões em uso na língua portuguesa e cujos significados são considerados racistas, dentre eles a expressão *criado-mudo* (Macário et al., 2021). Sobre tal palavra, conforme informações da Agência, baseando-se no *Dicionário da Língua Brasileira*, de Luiz Maria da Silva Pinto, datado de 1832, e no *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva, de 1890, não consta o significado de *criado-mudo*. Conforme a Agência Lupa, os estudos revelam que, no período colonial, muito provavelmente, a palavra ainda não era utilizada com o significado que se tem hoje (Macário et al., 2021).

Embora a origem da palavra e a sua inserção em dicionários sejam elementos relevantes para atestar o uso ou não da expressão em determinado período histórico, as palavras, no decorrer do tempo, vão adquirindo novos significados e/ou novas interpretações, o que parece ter ocorrido com *criado-mudo*. Caso a versão de que a palavra *criado-mudo* não tenha sua origem no período escravocrata seja verdadeira, possivelmente alguém ou um grupo de pessoas em determinado tempo e espaço relacionou, por analogia, a palavra *criado* à palavra *escravo* ou *servo subserviente* e *silencioso*, fazendo-se associações em rede, criando um

² Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/>. Acesso em: 8 jul.2024.

sistema de conceitos relacionados, tal como Fillmore (2009) define *frame*. Essa associação é possível, porque a palavra *criado-mudo*, apesar de fazer referência a um objeto inanimado no mundo, apresenta traços comuns, em sua composição de significado, a seres humanos, já que tanto *criado* quanto *mudo* são atributos aplicáveis a seres humanos. Do ponto de vista de quem propõe a substituição de *criado-mudo* por *cômoda*, *mesa de cabeceira* ou *armário da cama*, a nova palavra faz desaparecer tais traços e a palavra se torna mais objetiva e menos ambígua. Em termos teóricos, isso implica na ativação de outros *frames*, e não aquele em que se fazia a associação entre *criado* e *escravo*. Importante salientar que, ao fazermos essa explicação, não estamos argumentando em favor ou contra determinado ponto de vista. Estamos procurando compreender as associações em rede (ou *frames*) na interpretação feita por determinados grupos sociais. Como já mencionado na seção teórica deste artigo, Fillmore (2009) afirma que as palavras, evocativas de *frames*, revelam diferentes maneiras de como os usuários da língua apresentam uma situação e podem influenciar interlocutores a criar uma visão específica do mundo descrito, explicando ou motivando as escolhas de palavras que categorizam o mundo.

A pura e simples substituição lexical não muda concepções de mundo. Para haver mudança no modo de ver o mundo, é necessário haver o que Fillmore (2009) chama de *reenquadramento* ou *reframe*, que seria a mudança nos esquemas subjacentes da mente como forma de alterar a conceptualização. Caso isso ocorra, haveria uma mudança externa (dada pela substituição lexical) e uma mudança interna (dada pela mudança nas conceptualizações, na interpretação da palavra). A esses dois tipos de mudança, chamamos *reenquadramento lexical*.

Para além dessa discussão, o tempo nos mostrará como as comunidades linguísticas do português do Brasil agirão em relação aos usos por agora variáveis de *criado-mudo*, *cômoda*, *mesa de cabeceira* e *armário de cama*. O tempo poderá ou não levar à mudança léxico-semântica. A comunidade linguística poderá preservar as formas variáveis, poderá eleger uma das substituições propostas como a forma básica de interação ou poderá, ainda, permanecer com a forma questionada.

4.2 Índio/indígena

Outras palavras selecionadas para análise neste trabalho são *índio* e *indígena*. Vejamos o comentário de um internauta do Twitter/X:

(09) O termo "índio" é carregado de preconceito sim, mas também carregado de poesia e significado. O preconceito é problema do preconceituoso, não do termo. Só falo disso depois de falar muito com Indígenas que se identificam ou não como índios.

“Indígena” é mais amplo e engloba todos os povos nativos da nossa terra. A FUNAI Índia

Mas, por favor, não cancelem a palavra “índio”. Ela carrega em si um significado tradicional fortemente ligado à proximidade da natureza de forma tradicional. (RS, TT, 03/01/2023)

No dado (09), o internauta mostra conhecimento sobre as formas variáveis (*índio* e *indígena*) e pondera que, dada a sua experiência com povos originários, ambas as palavras são aceitas e que o preconceito é social e não linguístico.

O argumento de que o internauta conversou com indígenas é forte no sentido de que a voz da comunidade foi ouvida. A autodenominação é uma parte importante do respeito à identidade cultural. Ao dizer que a palavra *indígena* tem sentido mais amplo e engloba todos os nativos, o argumento parece válido, porque ele encontra ressonância na morfologia da palavra, já que as terminações *-gena*, *-gens* significam “origem, originário [de determinado lugar]” (Dicio, 2024). O usuário faz referência à Fundação Nacional dos Povos Indígenas – FUNAI para reforçar o argumento de que a substituição [de *índio* para *indígena*] é boa, mas pede que a outra palavra não seja esquecida ou cancelada.

Para além dos dados do Twitter/X, uma consulta ao dicionário de Cunha (1982) permitiu-nos encontrar os seguintes significados para *índio* e *indígena* (Quadro 1):

Quadro 1 – Significado das palavras *índio* e *indígena*

Índio	Indígena
<i>adj. sm.</i> ‘natural ou habitante da Índia’ XIV ‘ext. o indígena das Américas, consideradas, inicialmente, como as Índias Ocidentais’ XVIII. Do top. <i>Índia</i> .	<i>adj. s2g.</i> ‘diz-se de, ou o que é originário do país’ XVI. Do lat. <i>indígena</i> , relacionado com o gr. <i>endogenés</i> ‘nascido em casa’.

Fonte: Cunha (1982, p. 433).

Para o dicionarista, a palavra *índio* historicamente é usada para se referir aos povos nativos das Américas, que foram assim chamados pelos primeiros exploradores europeus que acreditavam ter chegado às Índias. A palavra é um topônimo de *Índia*. Por outro lado, a palavra *indígena* remete ao *frame* do que é ORIGINÁRIO, ou seja, aquele que é “nascido em casa”. A terminação *-gena*, como já dissemos, é indicativa de *origem*, *espécie*, *raça*. Tal terminação aparece em outras palavras como *erógeno*, *monógeno*, *malarígeno*, *morbígeno*, *sezonígeno*. A escolha de *indígena*, portanto, por determinados grupos se justifica principalmente pelo *frame* que a sua

terminação evoca: a de origem, de raça. Daí, então, o significado de povos originários atribuído à palavra indígena.

Em uma entrevista para o programa Roda Viva, no dia 20 de março de 2023, a ministra dos Povos Indígenas Sonia Guajajara explicou a importância da expressão *povos indígenas* após a entrevistadora citar a mudança do nome FUNAI de Fundação dos **Índios** para Fundação dos Povos **Indígenas**. A ministra fez a seguinte declaração:

[...] ali o projeto de lei né, aprovou de tirar o dia do índio para o dia dos povos indígenas, né. Então é muito importante que se conheça que o Brasil e que o mundo entenda que nós somos povos, né. **Povos indígenas** é um termo já também, né consolidado na Constituição Federal nos tratados internacionais e é uma pena assim que ainda, não é a maioria, que nos vê assim enquanto povos porque **a maioria da sociedade ainda nos chama de índios, né e de uma forma até pejorativa e depreciativa, né chegando a ser até racista** o jeito que as pessoas tratam, né e é muito importante que as pessoas entendam que nós temos, costumes, culturas né e tradições diferentes [...]. (Roda Vida, 2023, 1'1"-1'49", grifos nossos)

Como se pode ver no trecho acima, a ministra dos Povos Indígenas destaca que há um projeto de lei para substituir a expressão *Dia do Índio* por *Dia dos Povos Indígenas* e que essa substituição já está consolidada na Constituição Federal e em tratados internacionais. Além disso, Sonia Guajajara destaca a importância de reconhecer os povos indígenas como grupos distintos com suas próprias culturas, tradições e costumes. A fala da ministra mostra que documentos oficiais não mudariam uma palavra por outra sem uma forte motivação. A motivação que aqui apresentamos é teórica e está relacionada à noção de *frame*, já que as palavras que usamos conduzem a certos tipos de associações lógico-semânticas, grupos ideologicamente demarcados, instituições, vozes sociais. Na definição da ministra, a expressão *povos indígenas* remete ao *frame* de conjunto, de coletividade, de comunidade, enquanto *índio* evoca a noção de individualidade, de entidade única.

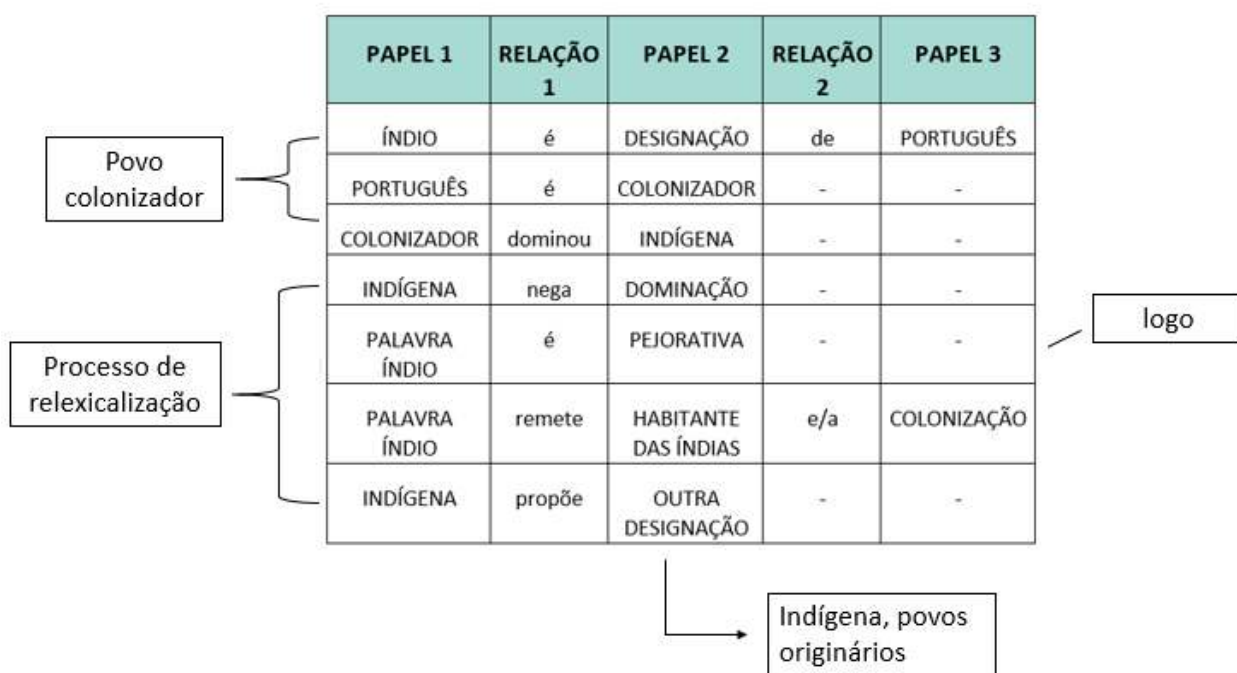
Tanto a fala da ministra quanto o tuíte do internauta em (09) destacam a que significados essas palavras conduzem. Isso está de acordo com as considerações de Lakoff (2006a) ao tratar do *frame* de IMPOSTO, que tanto pode ser enquadrado como *gasto* quanto pode ser enquadrado como *investimento*.

A distinção entre *índio* e *indígena* aparece como orientação no *Manual de Comunicação da Secom* (2023), do Senado Federal. O manual orienta que, ao invés de denominar o indivíduo como *índio*, deve-se optar pela palavra *indígena*, pois ela valoriza a diversidade desses povos.

Além da breve explicação das duas palavras, o manual sugere o uso de outras que estão ligadas a esses povos, como por exemplo: *aldeia*, *terra* ou *território indígena*, ao invés de *tribo*. Para o grupo de indígenas, propõe-se usar *etnia* ou *povo* (Secretaria..., 2023). A preocupação da comunicação oficial sobre quais palavras são mais adequadas para serem usadas em determinados contextos e quais são os significados evocados, está amplamente relacionada com o estudo dos *frames semânticos* presentes nos estudos de Lakoff (2006b, 2006a), de Fillmore (2009), de Duque (2015), que consideram que o acesso a determinado item lexical implica no acesso a uma rede de significados relacionados.

Com base no letramento racial proposto pelo usuário do Twitter/X, da ministra dos Povos Indígenas, na Constituição Federal e no *Manual de Comunicação da Secom* do Senado Federal sobre *índio* e *indígena*, podemos fazer, baseados em Duque (2015), as seguintes relações de *frames* (Figura 7):

Figura 7 – Relações entre os papéis do *frame* índio e indígena



Fonte: elaborada pelos autores, com base no esquema proposto por Duque (2015, p. 30) sobre as relações entre os papéis do *frame* transação comercial.

Segundo Duque (2015), os *frames complexos* envolvem mais de um *frame*. Essas estruturas são responsáveis por sistematizar de maneira algorítmica nosso entendimento de procedimentos. Sequências de ações que definem eventos que frequentemente vivenciamos direcionam nossas previsões e moldam nossa conduta em situações do cotidiano. Na Figura 7, os *frames* de *índio* e *indígena* requerem uma ordem no quesito nomeação,

que surge primeiramente na colonização (índio é designação de Português) e que logo passa pelo processo de relexicalização (indígenas propõem outra designação). No papel 1, são apresentados os sujeitos que vão realizar a ação (relação 1). Em seguida, no papel 2, há adjunto ou complemento do sujeito (papel 1) e da ação (relação 1), enquanto que a relação 2 é a preposição ou conjunção introdutória do papel 3.

A relexicalização permite fazer a reflexão linguística de que as palavras revelam valores de grupos sociais distintos e que, portanto, estão em competição na língua. Como dissemos anteriormente, o tempo mostrará se tais palavras permanecerão em competição no uso ou se uma irá se sobrepor à outra.

4.3 Mulato/a

Outra palavra que compõe os dados deste trabalho é **mulato/a**. Com base nos dados encontrados e analisados, em um tuíte, alguns internautas fizeram os seguintes comentários:

(10) O termo *mulato* não é pejorativo ele se deriva da palavra *muwallad* que significa mestiço em árabe. (BART, TT, 21/06/2020)

(11) -Primeiramente, o termo *mulato/mulata*
NÃO USEM ESSA PALAVRA, ELA É *EXTREMAMENTE* RACISTA. Ela é derivada de “mula”, q é a comparação que os brancos faziam à pessoas birraciais na época da escravidão.
Troca essa palavra por biracial. (CCO, TT, 03/09/2019)

(12) MULATA
A palavra faz referência a “cor de mula”. Ou seja, compara uma pessoa negra de a um animal. Pior ainda quando usa “mulata tipo exportação”, reforçando a visão do corpo da mulher negra como mercadoria. (DRD, TT, 13/05/2020)

(13) Palavras como **mulato** e crioulo, foram instituídas como forma de hierarquizar descendentes de africanos, nenhum historiador branco tem licença para se referir a nós assim
O movimento lutou para que todos fossem ‘Negros’, esse termo rompe com as definições racistas coloniais. (AS, TT, 01/10/2019)

(14) As negras virgens eram mais caras posto que era cultural os senhores brancos comprarem elas para satisfazer seus prazeres sexuais. O termo *mulato (a)* era dado a filhos de escravas com seus senhores o que fez o Brasil se “embranquecer” para não se chamar de NEGRO! (AP, TT, 26/04/2020)

Os comentários apontam para duas possíveis origens da palavra *mulato/a*. De acordo com o dado (10), a palavra *mulato* é derivada do árabe *muwallad*, e não é vista como pejorativa. Marília Marasciulo (2020), em matéria da revista Galileu, explica que há quem defenda que a palavra tenha origem no árabe *muwallad*, utilizado para designar os filhos de muçulmanos com pessoas que não seguiam a fé islâmica, e não se compromete em dizer que essa é uma origem única ou definitiva. Nos dados (11) e (12), afirma-se que a palavra relaciona-se por analogia à palavra *mula*, resultado do cruzamento de dois animais diferentes, e que a palavra passa a ser designada a pessoas.

Considerando-se a perspectiva apresentada pelos internautas nos comentários (11) e (12), por acionar o *frame* de ANIMAIS para se referir a SERES HUMANOS, a palavra conduziria a um significado pejorativo. Para explicar esse processo associativo, é importante visitarmos a discussão feita por Lakoff e Turner (1989), baseada em conhecimentos filosóficos e históricos, sobre a grande cadeia dos seres. Segundo os autores, as entidades concebidas pelas culturas apresentam-se em cadeias, dentre as quais se destacam entidades *inanimadas*, *plantas*, *animais*, *seres humanos* e *seres divinos*. Essa cadeia, entendida hierarquicamente, influencia a composição das metáforas, de modo que propriedades de entidades de nível mais elevado são aplicadas a entidades de níveis menos elevados. Assim, plantas e animais ganham características humanas (“A lua é tímida”), e seres humanos ganham características de seres divinos (“Aquele homem é uma deusa”). É possível também que entidades humanas recebam atributos de animais ou plantas (“Aquele homem é um dragão, um jumento, um leão, um burro”). Conquanto não se possa afirmar com precisão científica a origem etimológica de *mulato/a*, as discussões nas redes sociais ou se pautam na extensão de sentido de *mula* (animal) para *mulato/a* (ser humano) ou constituem um caso de etimologia popular.

Marasciulo (2020) também defende a ideia de que *mulato/a* é proveniente do latim *mulus*, que se refere a um animal miscigenado, estéril, resultante do cruzamento entre um cavalo e uma jumenta, ou entre uma égua e um jumento. Para a autora, os espanhóis começaram a utilizar a palavra *mulato/a* para descrever um mulo jovem e, por meio dessa analogia com a característica mestiça do animal, passaram a utilizá-la para se referir aos filhos e filhas de brancos (frequentemente, senhores de escravos que praticavam estupro com mulheres escravizadas) com negras, ou vice-versa.

Isso se alinha aos dados (13) e (14), quando foi dito que a palavra veio de um passado colonial e era designada aos descendentes de africanos e aos filhos das escravizadas, as quais eram violentadas pelos “donos” que as compravam. Nesses dados, a palavra é apontada como racista e a sugestão

é que se troque a palavra por *negro*, que, na perspectiva do internauta em (13), contribuiria para não haver escalonamento de tons de pele e para demarcar a identidade negra. A perspectiva apontada pelo enunciador de (13) relaciona-se com os *frames* na medida em que o uso de uma ou de outra palavra tem consequências na ativação de outros conceitos. *Mulato* ativaria conceitos e conhecimentos como: *escalonamento de tons da pele > esbranquiçamento > desigualdade de raça no seio da própria raça*. A palavra *negro*, por sua vez, ativaria conceitos e conhecimentos como: *não escalonamento de tons da pele > igualdade entre membros do mesmo grupo racial > fortalecimento da identidade étnica*.

Segundo a página da Agência Lupa (2021), a palavra *mulata* é explicada, em dicionários e enciclopédias de autoridade, como animal híbrido de jumento e mulo e que designa também o ser humano mestiço de branco e negro, em qualquer grau de mestiçagem. Aponta que outra origem possível é a do árabe *muwallad*. A agência, assim como os internautas, faz a ressalva de que, independente da origem da palavra, ela é vista como ofensiva e sugere, com base em depoimento de autoridades, uma forma alternativa: a palavra *negro*. Vejamos uma postagem da Agência Lupa (2021) (Figura 8):

Figura 8 – Explicação para a palavra *mulata* pela Agência Lupa no Twitter/X



Fonte: Agência Lupa (2021).

Como se vê, mesmo que os usuários da internet e também agências de checagem não tenham estudado especificamente a semântica de *frames*, as discussões por eles desenvolvidas alinham-se à consideração de que as palavras evocam informações implícitas, conhecimentos de fundo, conceitos pré-formatados pela cultura e visões de mundo. Consideramos que a discussão é necessária e que, por isso, merece estudo e análise.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tratou dos estudos sobre *frames*, especificamente sobre substituição lexical e reenquadramento subjacente com base na

opinião de internautas do Twitter/X. Fez-se a análise de três palavras/grupos de palavras relativos à raça: *criado-mudo*, *índio/indígena* e *mulato*, por serem representativas do ponto de vista de reflexões linguísticas.

A pesquisa revelou que o uso de uma ou de outra palavra pode evocar determinados *frames*, porque o uso de uma palavra não é somente o uso de uma palavra, mas o acionamento de um sistema de conceitos inter-relacionados (Fillmore, 2009).

Nesse sentido, a proposta de substituição de *criado-mudo* por *móvel*, *cômoda* ou *móvel de cabeceira* ou de *índio* por *indígena* ou ainda *mulato* por *negro*, possivelmente, parte da interpretação de todo o sistema de conceitos evocado por cada uma das palavras. O sistema de conceitos envolve, como dissemos anteriormente, informações implícitas, conhecimentos de fundo, conceitos pré-formatados pela cultura e visões de mundo.

Embora a quantidade de dados aqui analisada não seja tão expressiva em termos quantitativos, já que este não é o objetivo da pesquisa, pode-se afirmar qualitativamente que as redes sociais parecem funcionar como instrumentos midiáticos que promovem reflexão linguística, mesmo que seus usuários não sejam necessariamente linguistas. Num futuro próximo, a reflexão sobre os usos linguísticos poderá eleger determinado uso como prioritário ou manter o uso dos pares de palavras, de modo que grupos ideologicamente marcados façam uso de uma ou de outra forma linguística, de acordo com as suas convicções de fundo.

A discussão não se encerra com este artigo. Trabalhos dessa natureza contribuem para explorar, descrever e explicar o comportamento epilinguístico dos usuários das redes sociais e a sua atuação no processo de letramento racial.

AGRADECIMENTO

A primeira autora agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa concedida em 2023.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA LUPA. **A doutora e professora de Letras na área de linguagem e sociedade** [...]. Rio de Janeiro, 23 nov. 2021. Twitter/X: @agencialupa. Disponível em: <https://x.com/agencialupa/status/1463234756292890640>. Acesso em: 19 jan. 2023.

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: Hucitec, 1999.

BALDO, A. Frames cognitivos e interacionais na compreensão de expressões idiomáticas em L2: um estudo de caso. **Signótica**, Goiânia, v. 27, n. 2, p. 325-350, 2015.

CAMBRIDGE. Dumb waiter. **Dicionário Cambridge Inglês**. 2024. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/dumb-waiter>. Acesso em: 7 jul. 2024.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Assistentes: Cláudio Mello Sobrinho et al. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DICIO. Indígena. **Dicionário Online de Português**. 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/indigena/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

DUQUE, P. H. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em *frames*. **Revista da Anpoll**, Brasília, v. 1, n. 39, p. 25-48, 2015.

FILLMORE, C. J. Semântica de Frames. Tradução de Galeno Fae da Silva. **Cadernos de Tradução (UFRGS)**, Porto Alegre, v. 1, n. 25, p. 25-54. jul./dez. 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KOZINETS, R. V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LAKOFF, G. **Simple Framing**: An Introduction to Framing and its Uses in Politics. Berkeley: Rockridge Institute, 2006a.

LAKOFF, G. **Thinking Points**: Communicating our American Values and Vision. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2006b.

LAKOFF, G. **Women, Fire, and Dangerous Things**: What categories Reveal about the Mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; TURNER, M. **More than Cool Reason**: A Field Guide to Poetic Metaphor. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

MACÁRIO, C.; PEREIRA, C.; SKROCH, J. B.; DUARTE, M.; MORAES, M. Correção: conheça a origem histórica de expressões consideradas racistas. **Agência Lupa**, Rio de Janeiro, 23 nov. 2021.

MARASCIULO, M. 7 palavras preconceituosas ou racistas que você deveria parar de usar. **Revista Galileu**, São Paulo, ano 1, n. 1, ago. 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/08/7-palavras-preconceituosas-ou-racistas-que-voce-deveria-parar-de-usar.html>. Acesso em: 7 jul. 2024.

POSSENTI, S. A linguagem politicamente correta e a análise do discurso. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, ano 4, v. 2, p. 125-142, jul./dez. 1995.

ROCHA, C. A. M.; ROCHA, C. E. P. M. **Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

RODA VIVA. Sonia Guajajara | 20/03/2023. **Youtube**, São Paulo, 20 mar. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bl2M6SREEsw>. Acesso em: 9 jul. 2024.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO SENADO FEDERAL. Manual de Comunicação da Secom. Estilo. **Indígena/etnia**. Brasília: Senado Federal, 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/estilos/indio>. Acesso em: 9 jul. 2024.

VIDICA, L. Criado-mudo é expressão racista? Entenda a polêmica e o mistério por trás do termo. **CNN Brasil**, São Paulo, 21 jan. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/criado-mudo-e-expressao-racista-entenda-a-polemica-e-o-misterio-por-tras-do-termo/#:~:text=Com%20base%20na%20etimologia%2C%20acredita,para%20subir%20e%20descer%20talheres%3E.%20Acesso:%2028%20jul.%202023>. Acesso em: 28 jul. 2023.

RIBEIRO, NAYURE MIRELLE MARQUES;
SILVA, LEOSMAR APARECIDO DA.
SUBSTITUIÇÃO LEXICAL NOS USOS
LINGUÍSTICOS: DISCUSSÃO DE INTERNAUTAS
SOBRE UNIDADES LEXICAIS RELATIVAS À
RAÇA. **ENTREPALAVRAS**, FORTALEZA, v. 14,
n. 2, E2770, p. 23-46, mai.-ago./2024.
DOI: 10.22168/2237-6321-22770